

MACHU PICCHU NA ÉPOCA DA COLONIZAÇÃO

A construção de Machu Picchu foi atribuída ao inca Pachacut no século XII. Há opinião, entretanto, que Machu Picchu, foi construída anteriormente e que Pachacut havia feito alguma construção em cima, para reforma ou término da mesma. Ela resistiu a todos os tipos de terremotos, mesmo sendo construída nas encostas da montanha.

Significa Montanha Nova no quíchua. Sua função também é discutida pelos historiadores: residência temporária ou secreta do inca, santuário, local de peregrinação. Era habitada por sacerdotes e pelas Virgens do Sol. Na verdade, não era conhecida da população andina.

Em 1535 o última inca, Atahualpa foi executado e de a partir deste data, não se sabe se Machu Picchu continuou a ser habitada. Em 1911, quando Hiram Bingham encontrou a cidade, havia colonos estabelecidos lá. Acredito que ela continuou a ser habitada, mesmo após a execução em 1535, pelo fato de que as notícias da morte do inca ainda demoraram a chegar até lá. A partir deste momento, ela começou, de modo paulatino, a ser desocupada, até ser abandonada. Os colonizadores nunca chegaram a conquistá-la, nem sequer a conhecê-la.

Passo a transcrever, a chegada do Doutor Aventura, em Machu Picchu, na época da colonização, ainda habitada, extraído do livro “A crônica inca proibida”, de minha autoria:

“As nuvens começaram a mover-se e pude ver inteira aquela maravilha. Tanto sonhar e caminhar para ver aquela visão esplendorosa. Ainda era mais maravilhosa do que na data de hoje, pois continha telhado de sapé as residências do Santuário. Ela parecia vivo, com pessoas e animais circulando através de suas ruelas.

Era inacreditável ! Como valia a pena aquela caminhada de quatro dias até aquela vista. A porta do sol enquadrava perfeitamente toda a construção incaica.

O colibri dava piruetas em torno de mim, achando graça da minha felicidade em chegar à um lugar tão bonito, como eu gostaria de fotografar e filmar aquele local.

Gritei de felicidade, com que fez que o colibri se afastasse de mim , de susto. Era pura emoção.

Fiquei por dezenas de minutos apreciando o santuário, de longe e me sentei num muro da construção da porta do sol. O Pequeno Inca voltou a se aproximar de mim e continuar a me rodear. Quando as nuvens avançavam e deixavam livre a Montanha Nova, via-se claramente toda a sua extensão.

Quando olhei para o lado, avistei que teria que descer aquelas escadas tenebrosas, curtas e verticais para chegar em outro caminho até o santuário. Não havia corrimão.

Respirei fundo e vendo a altura daquelas escadas, deixei de contemplar a Montanha Nova e comecei a descer as escadas de pedras. Arrumei outro cajado, coloquei a alça da bagagem de mão no pescoço, ajeitei a mochila cargueira e comecei a sofrida descida.

O cajado muito me ajudou e consegui atingir a estradinha que me levaria até o destino. O colibri me acompanhou.

Passei por mais uma pequena ruína e parei no fim da trilha, de frente para o Santuário Sagrado, pulando um degrau e me dirigindo até a entrada, protegida por uma torre de vigilância, quando vários nativos vieram rapidamente em minha direção, todos armados de lanças, arco e flechas.

Levantei os braços, após ter colocado todas as bagagens no chão. Mas fui rapidamente cercado.

“Venho em paz” – disse.

“Espanhol algum é bem vindo aqui.” – disse-me um guerreiro apontando a lança para mim, quase me cutucando.

“Não sou espanhol. Vim pelo Peabiru até aqui. Procuro Amaru Muru. “

“Não está. Isso é só lenda. Machu Picchu também é lenda e nenhum branco revelará o segredo de sua existência.”

“O sol ainda brilha, fui batizado Grande Puma Branco. Sou integrante do “sol ainda brilha”, preciso ver Amaru Muru.

Eles se afastaram um pouco de mim, foram ríspidos comigo e ficaram na dúvida. O colibri que havia fugido quando eles me cercaram, agora sentou no meu ombro.

“Alguém que fala tão bem a nossa língua e amigo de pássaros não pode ser de tão má índole.”

“Avantajado me mandou aqui e o povo guardião da última vila. “- respondi

“A senha verdadeira é a companhia do Colibri.”

“Pode parar de me apontar a lança e me tratar como amigo ? Procuo Amaru Muru, preciso de uma ajuda dele. Talvez foi ele quem me trouxe até aqui.”

“ Ele viaja pelo portal dos Deuses, raramente passa por aqui. E traz, cada figura, pior do que você e estes teus óculos amarelo.”

“Onde poderia encontrá-lo ?. Preciso voltar de onde eu vim. Passei muitos perigos para chegar até aqui. Ajudei a salvar muitas vidas”

“Vamos subir.”

“E além disso, estou morrendo de fome.”

“As virgens do sol te prepararam uma bela refeição, não se preocupe.”

E, assim, adentrei ao santuário da Montanha Nova.

...

. Eu ainda estava em desconfiado, sem razão, quando fui conduzido pelos guerreiros incas pelo santuário.

As suas vestes impunha um grande respeito e o stress da vida moderna, como todos sabem, acompanhou-me por esta época.

O santuário era todo habitado. Muitas escadas, com degraus pequenos e inclinados, terraços para plantações, lhamas nos pastos, tudo muito vivo.

Passamos a primeira cancela, pegamos preliminarmente um corredor com cerca de um metro de largura, suspenso em cima de escadas com degraus menores.

Várias pessoas trabalhavam na plantação e colheita de frutas e verduras. Todas me olhavam curiosas. Passamos por vários pavimentos, os guerreiros sempre ao meu lado e os olhares todos em cima de mim e continuamos a subir até o fim da cidadela.

...

Passamos sobre as dependências do sacerdote, das virgens do sol, que trabalhavam em fiação de tecidos e saíram para me ver. Não escondi o sorriso e quando me virei para olhá-las, elas timidamente desviaram o olhar, dando risadinhas.

Estavam muito bem arrumada, com blusas e saiotas multicoloridos, onde também predominava o xadrez nas estampas. Todas de pele morena e cabelos e olhos bem pretos. O cabelo preso ou em tranças. Consegui ganhar um aceno com a mão de uma. Foi o máximo que consegui. Havia cerca de trinta moças neste local, mais no santuário havia bem mais.

Os guerreiros riram do jeito com as virgens do sol me trataram e me puxaram pelo braço a permanecer no caminho. Eu continuei a empreitada, até avistar um último cômodo no topo do santuário.

“Até lá, grande, Puma. Amaru Muru costuma aparecer apenas naquele lugar, que se trata de uma pequena capela.”

Olhei e já havíamos passado os compartimentos com teto de palha e subimos até a capelinha de pedra no topo. Também passamos pela pedra de sacrifícios e pela minha sorte ninguém, resolveu parar na mencionada pedra. Enfim eu iria conhecer quem havia me chamado para atravessar o Peru, cerca de 400 anos de ter eu nascido.”

Paulo Eduardo Michelotto é advogado, aventureiro e autor do livro; “A crônica inca proibida”.